HONG KONG

Xi Jinping exalta o controle pela China

Presidente chinês empossa novo chefe do Executivo. Em discurso para marcar os 25 anos da devolução da ex-colônia britânica ao domínio de Pequim, ele garante que a verdadeira democracia começou e defende a política "um país, dois sistemas"

» RODRIGO CRAVEIRO

No 25º aniversário da devolução de Hong Kong, antiga colônia do Reino Unido, ao controle férreo do Partido Comunista Chinês (PCC), o presidente Xi Jinping empossou o novo chefe executivo do território, John Lee, e assegurou que a democracia tem florescido no local, apesar da forte **repressão**. De acordo com a agência de notícias estatal chinesa Xinhua, Xi também enfatizou a necessidade da implementação "plena" e "fiel" da política "um país, dois sistemas" — os sistemas capitalista e comunista convivendo em uma única China. "Depois de reunificar-se com a pátria mãe, os habitantes de Hong Kong se tornaram os mestres de sua própria cidade. (...) A verdadeira democracia de Hong Kong começou neste momento", declarou Xi, que havia visitado a metrópole pela última vez em 2017. Ele fez questão de frisar que Pequim sempre agiu "pelo bem de Hong Kong".

Xi também defendeu a adoção do princípio dos "patriotas administrando Hong Kong". Ao se reunir com Lee, ele afirmou ter total confiança nele e no novo governo da ex-colônia britânica. "Temos total confiança no futuro de Hong Kong", afirmou. O presidente considerou cruciais os cinco próximos anos para Hong Kong e expressou esperanças de fortalecimento da governança e do desenvolvimento.

As comemorações externas em homenagem à data não contaram com a presença de Xi. Houve o hasteamento da bandeira e a passagem de aviões militares e de uma flotilha. Helicópteros da Força Aérea do Exército Popular de Libertação também fizeram sobrevoo transportando bandeiras de Hong Kong e da China.

A imprensa local informou que Xi preferiu pernoitar em Shenzhen, cidade chinesa situada a 50km de Hong Kong, e retornar na manhã de ontem ao território semiautônomo. O presidente chinês partiu a bordo de trem-bala rumo à China continental. Crianças se despediram do líder do PCC com flores, bandeiras e canções.

Controle pela Lei de Segurança Nacional

Em 30 de junho de 2020, a China aprovou a polêmica Lei de Segurança Nacional para a ex-colônia britânica — o texto pune com penas severas a subversão, a secessão, o terrorismo e o conluio com forças estrangeiras. Desde a adoção da legislação, a oposição foi anulada e várias figuras pró-democracia se viram forçadas a abandonar Hong Kong, foram afastadas do poder ou detidas. Em 27 de agosto do mesmo ano, as autoridades da metrópole financeira vetaram 12 candidatos pró-democracia, impedindo-os de disputar as eleições para o Conselho Legislativo (LegCo, parlamento local).

Eleições diretas

Em entrevista ao **Correio**, Fengsuo Zhuo — sobrevivente do massacre da Praça da Paz Celestial, em 4 de junho de 1989 e opositor ao governo chinês — ironizou a declaração de Xi Jinping. "O que o Partido Comunista Chinês tem feito a Hong Kong é um alerta para o mundo. Se não for parado, o próximo alvo poderá ser Taiwan e outros locais que o PCC desejar", afirmou. "A verdadeira democracia em Hong Kong somente pode começar com eleições diretas e universais."

De acordo com Fengsuo, Pequim escolheu a dedo John Lee como capanga para fazer uma oferta contra a vontade do povo de Hong Kong. "Os verdadeiros patriotas são os presos políticos, como Jimmy Lai, Joshua Wong, Hang-tung Chow, Albert Ho e Cheuk-Yan Lee, que lutam por uma Hong Kong democrática."

Fundador da ONG Hong Kong Liberty e ativista no exílio, Finn Lau disse à reportagem que o Reino Unido introduziu reformas democráticas e concedeu às colônias o direito à autodeterminação após a Segunda Guerra Mundial. "Hong Kong foi a exceção. Os líderes do Partido Comunista Chinês ameaçaram o governo britânico com consequências militares, caso levassem a democracia à cidade. Em essência, foi Pequim que apequenou a democracia de Hong Kong."

Para Lau, a visita de Xi Jinping é uma manobra simbólica. "Ela mostra a urgência e a ambição do Partido Comunista Chinês para controlar completamente Hong Kong. Nós podemos prever que o novo chefe de governo, John Lee, seguirá estritamente as ordens de Xi, em vez de salvaguardar a autonomia de Hong Kong sob a Declaração Conjunta Sino-Britânica." Na quinta-feira, o premiê do Reino Unido, Boris Johnson, prometeu "não abandonar" Hong Kong. "Há 25 anos, fizemos uma promessa ao território e a seu povo e temos a intenção de cumpri-la, de fazer todo o possível para que (...) Hong Kong volte a ser gerido por e para seus habitantes", disse Johnson.

Selim Chtayty/AFP

Xi Jinping acena depois de discursar em Hong Kong: primeira viagem à metrópole desde 2017 não durou 24 horas

> **Depois de reunificar-se com a própria mãe, os habitantes de Hong Kong se tornaram os mestres de sua própria cidade"**
>
> ***Xi Jinping, presidente da China***

Eu acho...

Arquivo pessoal

"Ao suprimir as liberdades de Hong Kong e prender centenas de dissidentes com a Lei de Segurança Nacional, Xi Jinping transformou Hong Kong em áreas como Xinjiang e Tibete. A outrora brilhante pérola da Ásia das liberdades e da sociedade civil foi reduzida a cinzas, forçando centenas de milhares ao exílio. Hong Kong renascerá somente depois que o regime do Partido Comunista Chinês for derrubado com a democratização da China."

Fengsuo Zhuo, sobrevivente do massacre da Praça da Paz Celestial e opositor de Pequim

Conexão diplomática

por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

Unasul à espera de Lula e Petro

NOVA SAFRA DE ESQUERDA APONTA NA RETOMADA DA INTEGRAÇÃO SUL-AMERICANA

O segundo semestre começa com expectativa intensa para os setores políticos que se empenham na integração política da América do Sul. Logo na primeira semana de agosto, toma posse Gustavo Petro, o primeiro presidente de esquerda na história da Colômbia. Dois meses depois, as atenções se concentram no primeiro turno da disputa presidencial no Brasil, com Lula se firmando a cada pesquisa como favorito para desalojar Jair Bolsonaro do Planalto.

A virada política em dois dos pesos-pesados consolida um rearranjo mais amplo e profundo na vizinhança. Em 2019, o nacionalismo peronista voltou ao poder na Argentina, com Alberto Fernández. No ano seguinte foi a vez de Luis Arce, eleito na Bolívia um ano depois da controversa deposição do primeiro presidente indígena, Evo Morales. Seguiram-se a vitória de Pedro Castillo, no Peru, e de Gabriel Boric, no Chile.

Em comum, na frente da política externa, todos compartilham com Lula a aspiração de retomar o processo lançado, duas décadas atrás, pelo então presidente brasileiro com os colegas da Argentina, Néstor Kirchner, e da Venezuela, Hugo Chávez. Desse impulso nasceu a União de Nações Sul-Americanas (Unasul), colocada em hibernação nos últimos anos pela safra de governos de direita que reorientou a bússola diplomática do subcontinente.

Sócio novo

A chegada de Gustavo Petro, em especial, aporta densidade à esperada rearticulação da Unasul. Na altura da fundação do bloco, a Colômbia era governada pelo direitista Álvaro Uribe, aliado incondicional dos EUA — a ponto de se aliar a George W. Bush na "guerra ao terror" e aproveitar a ajuda militar americana para sua guerra local contra a guerrilha das Farc.

Dentro de um mês, a Casa de Nariño terá como titular um ex-guerrilheiro. Petro integrou o Movimento 19 de Abril (M-19), grupo armado de esquerda nacionalista que se reintegrou à vida civil em 1991, nos marcos de um acordo de paz com o governo de Cesar Gaviria. Nessas três décadas, conquistou credibilidade para sua adesão à vida política institucional, como prefeito da capital, Bogotá, deputado nacional e senador.

Mesmo com Uribe, a Colômbia não ficou à margem da Unasul, mas manteve distância prudente do bloco de esquerda que deu as cartas por década e meia. A partir de agosto, a tendência é que assuma um papel mais ativo no relançamento — à espera do retorno de Lula, com a liderança pessoal e o peso específico do Brasil.

Pré-estreia

Uma espécie de aperitivo para o que pode se desenrolar em 2023, confirmado o retorno de Lula ao Planalto, foi servido um mês atrás, na Cúpula das Américas. A reunião de Los Angeles, com Joe Biden como anfitrião, excluiu da lista de convidados Cuba, Nicarágua e Venezuela, apontados por Washington como regimes não democráticos. Em solidariedade, faltou ao encontro o presidente do México, Andrés Manuel López Obrador.

Amlo, como é chamado em seu país, deu o sinal mais claro de que, ao lado da Unasul, pode voltar a campo outra cria da esquerda latino-americana na primeira década do século. A Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos (Celac) foi oficialmente fundada em 2010 com o propósito de esvaziar a Organização dos Estados Americanos (OEA). Criada no pós-Segunda Guerra, sob o impulso da ascensão dos EUA como potência mundial, a OEA tem sede em Washington e, desde sempre, foi vista como braço institucional da hegemonia norte-americana no hemisfério.

Conteúdo inflamável

O time renovado da esquerda latino-americana aposta na chance de ganhar mais um reforço no Equador, onde o direitista Gustavo Lasso tem pela frente um processo de destituição aberto no Legislativo. O pano de fundo é a crise detonada por uma onda de manifestações de rua e bloqueios de estradas em protesto contra a alta dos combustíveis.

O país andino tem longa tradição de instabilidade, quase sempre com a gasolina como peça-chave. Embora produtor de petróleo, o Equador já teve a economia como um todo atrelada ao dólar, e ainda hoje sente diretamente os impactos da alta de preços no mercado internacional.

Dez anos atrás, com o esquerdista Rafael Correa na presidência, Quito foi escolhida para sediar a Unasul. Em 2018, o sucessor de Correa, Lenín Moreno, que rompeu com o antigo padrinho e começou a guinada do país para a direita, despejou a Unasul e pediu de volta o prédio público cedido para a entidade.